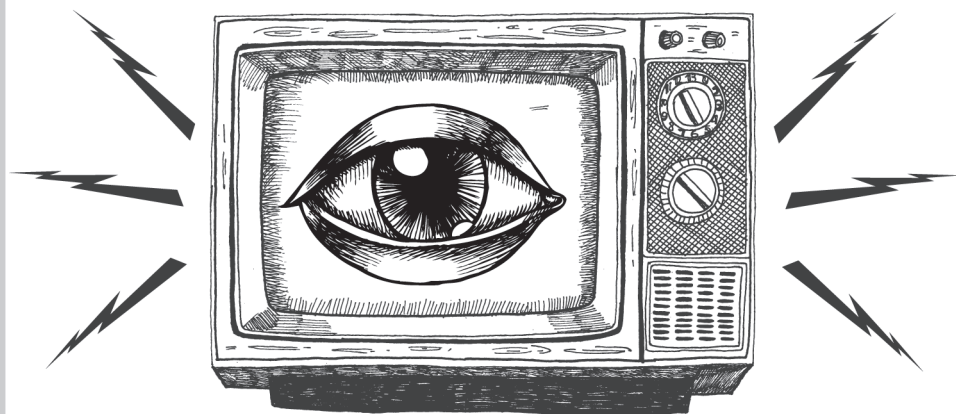


**GEORGE
ORWELL**

1984

GEORGE ORWELL



1984

TRADUÇÃO
KARLA LIMA



Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
1984

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
George Orwell

Diagramação
Fernando Laino Editora

Tradução
Karla Lima

Imagens
moopsi/Shutterstock.com;
roompoetliar/Shutterstock.com;
tsaplia/Shutterstock.com;
Nevena Radonja/Shutterstock.com

Preparação
Maria Stephania da Costa Flores

Revisão
Fernanda R. Braga Simon

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O79m	Orwell, George, 1903-1950
	1984 / George Orwell ; traduzido por Karla Lima. - Jandira, SP : Principis, 2021. 336 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial)
	Tradução de: 1984 ISBN: 978-65-5552-226-6
	1. Literatura inglesa. 2. Romance. 4. Ficção. I. Lima, Karla. II. Título. III. Série.
2020-2862	CDD 823 CDU 821.111-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823
2. Literatura inglesa 821.111-31

1ª edição em 2021

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

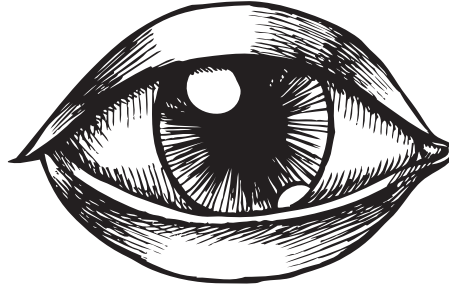
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

PARTE I	7
PARTE II	113
PARTE III	243

PARTE

I



CAPÍTULO 1

Era um dia claro e frio de abril, e os relógios marcavam treze horas. Com o queixo afundado no peito em um esforço para escapar do vento cruel, Winston Smith voou pelas portas de vidro das Mansões Vitória, embora não rápido o suficiente para evitar que um redemoinho de poeira grossa o seguisse.

O corredor cheirava a repolho cozido e a tapetes rotos. Em uma ponta, um cartaz colorido, grande demais para um espaço fechado, estava afixado à parede. Via-se apenas um rosto enorme, com mais de um metro de largura: o retrato de um homem de aproximadamente 45 anos, com um bigode preto grosso e belos traços marcantes. Winston se dirigiu à escada. Era inútil tentar o elevador. Mesmo nas melhores épocas ele raramente funcionava, e naquele momento a corrente elétrica era cortada durante o dia, como parte do esforço econômico de preparação para a Semana do Ódio. O apartamento ficava no sétimo andar, e Winston, que tinha 39 anos e uma úlcera varicosa acima do tornozelo direito, subia devagar, descansando muitas vezes ao longo do caminho. Em cada *hall*, em frente ao poço do elevador, aquele rosto enorme do

cartaz na parede o observava. Era um desses retratos feitos de tal modo que os olhos seguem a pessoa quando ela se mexe. A legenda abaixo dele informava: O GRANDE IRMÃO ESTÁ VIGIANDO VOCÊ.

Dentro do apartamento, uma voz grave recitava uma sequência de números que tinham algo a ver com a produção de ferro-gusa. O som vinha de uma placa metálica oval semelhante a um espelho embaçado que formava parte da superfície da parede direita. Winston mexeu em um interruptor, e a voz baixou um pouco, embora ainda fosse possível distinguir as palavras. O dispositivo (a teletela, como era chamado) podia ser pausado, mas não havia como desligá-lo completamente. Ele foi até a janela: uma compleição pequena, frágil, a esqualidez de seu corpo marcada somente pelo macacão azul, o uniforme do Partido. O cabelo era muito claro; o rosto, naturalmente rosado; a pele, áspera pelo sabonete grosseiro, pelas lâminas de barbear sem fio e pelo frio do inverno que mal acabara.

Do lado de fora, mesmo através da janela fechada, o mundo parecia gelado. Lá embaixo, na rua, torvelinhos de vento faziam rodopiar poeira e papel rasgado e, apesar de o Sol brilhar no céu de um azul cortante, tudo parecia sem cor, exceto os cartazes, colados no alto por toda parte. O homem de bigode preto dominava cada canto, apontando o olhar severo para baixo. Havia um na fachada da casa em frente. A legenda dizia O GRANDE IRMÃO ESTÁ VIGIANDO VOCÊ, e os olhos escuros penetravam fundo nos de Winston. Abaixo, no nível da rua, outro cartaz, rasgado em uma das pontas, batia com força ao ritmo da ventania, cobrindo e descobrindo a única palavra, SOCING. Ao longe, um helicóptero voou baixo por entre os telhados, pairou por um instante como uma mosca varejeira e partiu de novo fazendo uma curva. Era a Patrulha da Polícia bisbilhotando, pelas janelas, as pessoas. As patrulhas não tinham importância, porém. Só a Polícia do Pensamento importava.

Pelas costas de Winston, a voz da teletela seguia tagarelando sobre o ferro-gusa e o excedente produtivo do Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho que Winston

fizesse, acima do nível de um sussurro muito baixo, era captado por ela; ademais, enquanto ele permanecesse no campo de visão alcançado pela placa metálica, seria visto e também ouvido. Obviamente, não havia como saber se você estava sendo observado em dado momento nem com que frequência, ou por qual sistema, pois a Polícia do Pensamento se conectava a um cabo específico. Era provável que eles observassem todas as pessoas o tempo todo, já que poderiam se conectar a seu cabo quando quisessem. Você era obrigado a viver (e realmente vivia, pois o hábito se tornara instinto) supondo que cada ruído que fizesse seria ouvido, e todo movimento, rastreado, menos na escuridão.

Winston ficou de costas para a teletela. Era mais seguro, embora, como ele bem sabia, até mesmo as costas pudessem revelar algo. A um quilômetro dali, o Ministério da Verdade, seu local de trabalho, destacava-se com sua fachada grande e branca na paisagem escurecida pela fuligem. Aquilo, pensou com certa repugnância, era Londres, a principal cidade da Faixa Aérea Um, a terceira mais populosa das províncias da Oceania. Ele tentou buscar alguma recordação da infância para confirmar se Londres realmente nunca mudara. Aquela vista de casas do século XIX apodrecendo, com as laterais escoradas por vigas de madeira, as janelas tapadas com papelão, e os telhados, com ferro corrugado, e o muro rachado dos jardins cedendo em toda parte, sempre tinham sido assim? Os locais bombardeados onde o pó de gesso rodopiava no ar e brotos de salgueiro cresciam sobre pilhas de entulho, onde as bombas abriram uma clareira maior, em que brotavam colônias precárias de casas de madeira que mais pareciam galinheiros? Mas era inútil, ele não conseguia se lembrar: nada restava de sua infância, exceto um conjunto de *flashes* que apareciam sem contexto, a maioria sem nexos algum.

O Ministério da Verdade (Miniver, em Novidioma¹) era muito diferente de qualquer outro prédio à vista. Uma estrutura piramidal

¹ Novidioma era a língua oficial da Oceania. Para informações detalhadas sobre sua estrutura e etimologia, consultar o Apêndice.

enorme, de concreto branco reluzente, que, pavimento após pavimento, subia a trezentos metros do chão. De onde Winston estava era possível ler, destacados contra a fachada branca e em tipologia elegante, os três lemas do Partido:

GUERRA É PAZ
LIBERDADE É ESCRAVIDÃO
IGNORÂNCIA É FORÇA

O Ministério da Verdade controlava, dizia-se, três mil salas acima do nível do chão e as respectivas galerias abaixo. Espalhados por Londres havia três outros edifícios de aparência e tamanho parecidos que praticamente apagavam as construções ao redor. Do topo das Mansões Vitória podia-se enxergar os quatro ao mesmo tempo; eram as sedes dos quatro ministérios entre os quais se dividia o aparato completo do governo: o Ministério da Verdade, que se ocupava de notícias, diversão, educação e artes; o Ministério da Paz, que se ocupava da guerra; o Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem; e o Ministério da Fartura, que era responsável pelos assuntos econômicos. Seus nomes, em Novidioma: Miniver, Minipaz, Miniamor, Minifar.

O Ministério do Amor era o mais temido. Nele não havia nenhuma janela. Winston nunca tinha estado lá dentro, nem a meio quilômetro de distância. Era um lugar de acesso impossível, a não ser em compromissos oficiais, e ainda assim só se entrava após atravessar um labirinto de arame farpado emaranhado, portas de aço e nichos com metralhadoras escondidas. Mesmo as ruas que conduziam até suas barreiras externas eram patrulhadas por guardas com cara de gorila em uniformes pretos, armados de cassetetes articulados.

Winston se virou abruptamente. Havia programado seu perfil no modo de exibição otimismo tranquilo, aconselhável quando estivesse de frente para a teletela. Cruzou a sala rumo à cozinha minúscula. Ao sair do Ministério naquele horário, ele havia sacrificado o almoço na

cantina, e estava ciente de não haver na cozinha nenhuma comida além de um naco de pão embolorado que precisava ser poupado para o café da manhã seguinte. Tirou do armário uma garrafa de líquido incolor com um rótulo branco, onde se lia GIM VITÓRIA. Exalava um cheiro enjoativo, gorduroso, que lembrava o arroz chinês. Winston encheu um copo com cuidado, preparou-se para o baque e engoliu de uma vez, como uma dose de remédio.

Seu rosto enrubesceu na hora, e lágrimas escorreram. O líquido parecia ácido nítrico e, além disso, ao passar pela garganta, a pessoa tinha a sensação de levar uma pancada com porrete de borracha na parte de trás da cabeça. Em seguida, porém, a queimação na barriga sumia, e o mundo começava a parecer mais alegre. Ele tirou um cigarro de um maço amarfanhado escrito CIGARROS VITÓRIA e sem querer virou a abertura para baixo, derrubando o tabaco no chão. Com o seguinte, teve mais sucesso. Voltou à sala e se sentou à mesinha que ficava à esquerda da teletela. Da gaveta da mesa tirou um porta-penas, um tinteiro e um caderno tamanho *in-quarto*, grosso, sem pauta, vermelho no verso e com capa marmorizada.

Por algum motivo, essa teletela ficava em uma posição incomum. Em vez de ser colocada, como era normal, na parede dos fundos, de onde poderia vigiar todo o ambiente, ficava na parede mais longa, em frente à janela. De um dos lados havia um recuo discreto, onde Winston estava sentado agora e que, quando os apartamentos foram construídos, provavelmente tinha sido projetado para conter prateleiras de livros. Ao sentar-se nesse canto, no ponto mais fundo possível, Winston conseguia escapar do alcance da teletela no que dizia respeito à imagem. Podia ser ouvido, claro; no entanto, enquanto ficasse na posição em que se encontrava naquele momento, não poderia ser visto. Em parte, a disposição incomum do cômodo dera a ele a ideia do que estava prestes a fazer.

Mas a ideia tinha sido sugerida também pelo caderno que acabara de tirar da gaveta e que era especialmente bonito. O papel suave cor de

creme, um pouco amarelado pelo tempo, era de um tipo que já não se fabricava ao menos há quarenta anos. Entretanto, ele sabia que o caderno era muito mais velho; tinha-o visto na vitrine de uma lojinha de antiguidades em algum bairro pobre da cidade (em qual, exatamente, ele não conseguia lembrar) e foi tomado por um desejo avassalador de possuí-lo. Não era rotineiro que membros do Partido frequentassem lojas comuns (“negociações no mercado livre”, era o nome), mas a norma não era cumprida com muito rigor, porque havia diversos itens, como cadarços e lâminas de barbear, os quais era impossível obter por outro meio. Winston olhara rápido para os dois lados da rua antes de entrar e comprar o caderno por dois dólares e cinquenta. Na hora, não sabia se o usaria para algum propósito específico; levou-o para casa dentro da pasta, sentindo-se muito culpado. Mesmo não havendo nada escrito, era uma posse comprometedora.

Ele estava prestes a inaugurar um diário, o que não era ilegal (na verdade, tudo era legal, uma vez que já não existiam leis). Porém, se fosse descoberto, seria com razoável grau de certeza punido com a morte ou ao menos vinte e cinco anos em um campo de trabalhos forçados. Winston encaixou um bico no porta-penas e sugou para remover a graxa. A pena era um instrumento arcaico, raramente usado até em assinaturas, e ele havia conseguido uma, no sigilo e com alguma dificuldade, apenas pela sensação de que o belo papel cor de creme merecia receber uma escrita feita com bico de verdade em vez de ser rabiscado por uma caneta. Na verdade, Winston não estava habituado a escrever à mão. Exceto por notas muito breves, o costume era ditar tudo na fala-creve, o que era evidentemente impossível, dada sua presente intenção. Ele mergulhou o bico da pena na tinta e hesitou por um segundo. Um tremor invadira suas entranhas. Marcar o papel era um ato decisivo. Em letras pequenas e desajeitadas, escreveu:

4 de abril de 1984.

Recostou-se. Um sentimento de completo desamparo o invadiu. Para começar, não sabia com certeza se era mesmo 1984. Devia ser por volta disso, já que ele estava bastante seguro de sua idade ser 39 anos, e acreditava ter nascido em 1944 ou 1945; mas atualmente não era possível precisar uma data no intervalo de um ou dois anos.

Para quem, ocorreu-lhe de súbito perguntar, ele estava escrevendo o diário? Para o futuro, para os ainda não nascidos. Sua mente pairou por um momento sobre a data duvidosa na página e depois, com um solavanco, topou com a palavra em Novidioma “duplopensar”. Pela primeira vez foi atingido em cheio pela magnitude do que havia feito. Como alguém poderia se comunicar com o futuro? Era impossível pela própria natureza. Talvez o futuro se parecesse com o presente (e nesse caso não lhe daria ouvidos), ou seria diferente, e seu dilema não faria sentido.

Durante um tempo Winston ficou ali, encarando o papel, sem saber o que fazer. A teletela havia mudado para uma música militar estridente. Era curioso como ele parecia não apenas ter perdido a capacidade de se expressar, mas também haver esquecido até mesmo o que originalmente pretendia dizer. Por semanas tinha se preparado para aquele momento, e jamais lhe ocorrera que algo além de coragem fosse necessário. A escrita em si seria fácil. Tudo o que tinha a fazer era transferir para o papel o monólogo sem descanso, interminável, que ocupava sua cabeça há, literalmente, anos e que agora parecia ter silenciado. Além do mais, a úlcera varicosa tinha começado a comichar insuportavelmente. Não se atrevia a coçar, porque quando o fazia ela sempre inflamava. Os segundos passavam. Winston não tinha consciência de nada além do vazio da página à frente, da coceira na pele acima do tornozelo, da estridência da música e da ligeira tontura causada pelo gim.

De repente, começou a escrever em absoluto pânico, não muito ciente do que estava pondo no papel. A caligrafia pequena e infantil subia e descia pela página, abandonando primeiro as maiúsculas e depois até os pontos finais.